



O LUGAR DA EXPERIÊNCIA NA FOTOGRAFIA

Micael Luz Amaral¹
Rogério Luiz Silva de Oliveira²

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma reflexão acerca da experiência enquanto caminho para a representação do outro. Para análise, utilizo da prática fotográfica trazendo à tona interpretações sobre o conceito de experiência, buscando esclarecimentos em torno da importância da fotografia como ferramenta política e ideológica atravessada às questões sociais e culturais, estas, resultantes das relações definidas no encontro do fotógrafo com o fotografado. Partindo-se da obra *Yanomami* (1998), da fotógrafa Claudia Andujar, buscaremos desvendar as concepções artísticas adotadas a favor do debate sobre construções de realidade.

Desde o seu surgimento (década de 30 do século XIX) até os atuais dias a fotografia é alvo de questionamentos e reflexões, o que historicamente ocasionou mudanças conceituais e ideológicas, adaptando-se às novas necessidades e demandas de representações das questões humanas. Diversos pensadores abordaram a fotografia nos ensinando a compreendê-la nos seus limites e possibilidades, problematizando acerca da dualidade arte e ciência, assim como considerações a respeito das múltiplas conexões da fotografia com as emoções, memórias e o corpo dos indivíduos.

É deste modo que tomamos, como objeto de reflexão, a experiência. Não como conhecimento prático alcançado através de ações ou das vivências dos sujeitos (estas diluídas na construção social dos indivíduos), mas, obtida através dos sentidos, contida de renúncias (sobretudo do fotógrafo), numa relação inteiramente singular. O debate inicial localiza-se no campo que rege a dimensão da veracidade fotográfica no compromisso com a representação do indivíduo no espaço social e cultural. Partimos das ideias de Gonzalez, e pensamos sobre o “documentar a realidade e criá-la” (GONZÁLEZ, 2011, p. 146), como pólos “simultâneos e contraditórios”, importantes no entendimento no que diz respeito ao potencial de representação do outro. Decorrente disto, o debate se alarga em torno dos processamentos que conduzem à

1 Discente do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB – Brasil. Endereço eletrônico: micaelaquillah@gmail.com

2 Orientador. Docente do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB – Brasil. Endereço eletrônico: rogerioluizso@gmail.com



consolidação do que González chama de “realidade construída”, não ignorando a inventividade do fotógrafo: a forma, a plasticidade e a linguagem adotadas como elementos fundamentais e intransferíveis na consolidação da referida realidade. Deste modo abrimos caminhos para uma análise teórico-metodológica que aponta a substância da experiência.

METODOLOGIA

Partindo-se da obra *Yanomami* (1998), da fotógrafa Claudia Andujar, buscaremos uma análise sobre as estratégias de representação somadas aos elementos plásticos adotados de três das fotografias presente no livro, organizadas por séries (Da série “A casa”, Da série “A floresta” e Da série “O invisível”). As fotografias escolhidas promovem elementos suficientes para refletirmos sobre o papel da fotografia na mobilização das questões próprias às minorias. Duarte (2014): “Andujar proporciona na obra ‘um diálogo entre luz material’ e a luz ‘simbólica’” (DUARTE *apud* CASTANHEIRA, 2014). Vejamos a soma desse diálogo como a consubstanciação do que propomos sobre experiência. Estas descrições, somadas à criteriosa análise, possibilitam condições para notarmos a singularidade que delinea os processos afetivos a favor da construção de realidades, claramente iniciados pelo empenho e entrega do fotógrafo no contexto cultural do sujeito fotografado.

A relação da fotografia com a cultura do sujeito fotografado é inteiramente simbólica, compreendendo “o conceito de culturas” a partir das ideias de Clifford Geertz (GEERTZ, 1926). Seguindo deste ponto, mobilizamos ideias de interlocutores como Laura González Flores e Bill Nichols, sobre “a realidade construída” (GONZÁLEZ, 2011) e os “modos de representação” (NICHOLS, 2005), estes, interpretados e aplicados ao modo como os fotógrafos conceberam e concebem as suas fotografias.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Condicionadas pela forma autoral que Andujar direciona seu olhar, as fotografias referidas nos deslocam para um lugar de significação: a experiência em movimento.



Imagem 1 - (Da série “A casa”)

A primeira fotografia (Da série “A casa”) é **marcada por uma estética** documental inovadora, a luz dura que penetra na maloca e preenche o lugar, permite uma noção do espaço e suas formas, assim como o contraste entre claros e escuros que dão volume a imagem, ocasionando um protagonismo ao pequeno Yanomami, dando a ele uma caracterização que transcende.



Imagem 2 - (Da série “A floresta”)

A segunda fotografia (Da série “A floresta”) é o movimento que marca a completude entre o fotógrafo e o fotografado.



Imagem 3 - (Da série “O invisível”)

Já na terceira fotografia (Da série “O invisível”), o que nos interessa é o processo de criação utilizado por Andujar a favor da representação ritualística, neste caso, “utilizando de lampiões que ela mesma insere na maloca, simbolizando os espíritos invocados por xamãs” (CASTANHEIRA, 2014, p. 68). A inventividade de Andujar subverte a tradição documental, estabelecendo uma “ruptura de linguagem” (CASTANHEIRA, 2014), colocando em evento primário elementos (desfoque, movimento de câmera, baixa velocidade na exposição da fotografia, jogo de luzes, contrastes, entre outros) a favor da construção de uma atmosfera estética que dá sentido à representação da realidade.

CONCLUSÃO

A experiência é dinâmica, móvel e é liberta do ponto de vista criativo. O movimento está na liberdade criadora de Andujar que apresenta novos contornos culturais aos Yanomami. Mais do que objeto da fotografia, eles são personagens de uma investida cultural. A fotografia quando concebida, se comporta como ferramenta de mobilização, e não como gestora das demandas sociais, ela se coloca à disposição para conectar o emissor (o sujeito fotografado) ao receptor (sociedade e o Estado), de tal modo, que não exista comprometimento com a “informação” conforme as ideias de Walter Benjamin, aliás, esta tende a afetar os múltiplos efeitos sensoriais, políticos e ideológicos que por ela é provocada.

Ao lidarmos de maneira efetiva com as estruturas que organizam e moldam a singularidade



da experiência no ato fotográfico, construiremos caminhos para o autoconhecimento, valendo-nos das palavras de Michel Foucault: “uma experiência é algo de que se sai transformado” (FOUCAULT, 1978).

Palavras-chave: Experiência. Representação. Cultura. Fotografia.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. IN: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. IN: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas.** São Paulo: Brasiliense, 3.ed., 1987.

CASTANHEIRA, Rafael. **Rupturas na fotografia documental brasileira: Claudia Andujar e a poética do (in)visível**, DOI 10.5433/1984-7939.2014v10n16p53, 2014

FLORES, Laura González. **Fotografia e Pintura, dois meios diferente? São Paulo: Martins Fontes, 2011.**

FOUCAULT, M. **Entrevista com Michel Foucault.** Traduzido a partir de Entrevista realizada por D. Trombadori, Paris, fins de 1978, publicada em Il contributo, ano 4, n. 1, jan-mar 1980, pp. 23-84. Por Adriana Penzim.(sem publicação).

GEERTZ, Clifford, 1926. **A interpretação das culturas/ Clifford Geertz.** – 1.ed., 13. Reimpr. – Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323p. Tradução de: The interpretation of cultures ISBN 978-85-216-1333-6

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário.** Trad. Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papirus, 2005.